

Mutatis mutandis, a sala de aula vai sobreviver

José Marmeleira Texto
Maria Abranches Fotografia

Na Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, uma exposição propõe-se repensar a escola do ponto de vista de quem a habita

Uma visita a espaços e arquitecturas, uma reflexão, uma investigação. Qualquer um destes termos pode aplicar-se a *Sala de Aula, Um Olhar Adolescente*, exposição que até 10 de Setembro assenta no Garagem Sul do Centro Cultural de Belém, em Lisboa. Com a curadoria do arquitecto e professor Joaquim Moreno, leva o visitante a diferentes salas de aula – e a diferentes escolas –, numa viagem ao século XX tocada já pelas mutações que a aprendizagem, o trabalho e o ensino têm vindo a sofrer nos últimos anos 20 anos.

Em cena, há objectos – para serem usados –, desenhos, maquetas, imagens fixas e em movimento. E palavras escritas, sim, porque *Sala de Aula, Um Olhar Adolescente*, fazendo justiça ao título, deu a palavra ao estudante. Nas paredes, podemos ler essas palavras – intempestivas, ingénuas, sinceras, revoltadas – à volta da memória do que foi e onde foi essa categoria cultural mutável, mas ao mesmo tempo quase universal, que é a sala de aula de uma escola secundária. São elas – em várias línguas – que produzem uma dialéctica com a excepcionalidade dos exemplos e dos modelos expostos. De um lado, a vida efémera do adolescente; do outro, o modo como a cultura arquitectónica, com os seus materiais e as suas ideias, responde a uma experiência-tipo.

Afinal, lembra-nos Joaquim Moreno, “o adolescente é o sujeito histórico mais recente, que se massificou com o consumo, que se associou à ideia de protesto”. É nesse âmbito que ele surge aqui, numa intersecção com a sala de aula, articulado com o próprio espaço de aprendizagem que lhe serve de *habitat* quotidiano. O presente da experiência escolar encontra-se, obviamente, convocado nos efeitos da realidade vivida nos anos da pandemia de covid-19. Dir-se-ia até que ela se sente quase tangível: nos espaços, nas vozes dos alunos, nas suas frases. “[Os adolescentes] desenrascaram-se. De repente, a sala de aula tornou-se uma rede maior do que a própria escola. E isso só foi possível porque a própria sala de aula já se tinha desmaterializado, para ela tinham confluído outras energias e informações”, reflecte o curador. “Se a aprendizagem não acontecesse maioritariamente fora da sala de aula, isto não teria sido possível.”



A exposição aborda apenas escolas públicas e que se mantêm em funcionamento

A pandemia, diz Joaquim Moreno, mostrou que a sala de aula “já se tinha desmaterializado” há muito

Com base nesta assunção, e com a colaboração do Plano Nacional das Artes, do centro francês de arquitectura Arc em Rêve e da instituição belga de arte, design e arquitectura Z33, o curador estabeleceu duas regras: a exposição só integraria escolas públicas e que estivessem ainda a funcionar. “Queríamos exemplos que participassem no que é comum e que partilhassem o presente”, explica Joaquim Moreno. “E qual a melhor maneira de estudar a mudança? Através da permanência. Decidimos, então, sentar-nos e aprender com esses exemplos e com os estudantes. Só desse modo poderíamos articular as ideias da adolescência e da sala de aula.”



Ao fim de uma primeira fase, marcada pela necessária investigação e pelas consequentes visitas às escolas, elencaram-se cinco temas: produção, corpo, assembleia, transgressão e profissão. Seguiu-se o trabalho material da curadoria, com filmagens, entrevistas e algo que o curador faz questão de ressaltar: “A memória que temos das salas de aula são os objectos, os equipamentos. Começamos a pedir materiais, coisas que pudéssemos trazer para a exposição, para partilharmos essa experiência quase corporal.”

Corpo, liberdade e trabalho

O primeiro exemplo é o da Escola St Crispin's, em Wokingham, Inglaterra, construída em 1953 e projectada sob a alçada do Ministério da Educação inglês. “Na altura, os ministérios começavam a incluir departamentos de projecto. E este vai mobilizar a planificação construtiva, controlando prazos e custos, com materiais industriais. É a primeira escola prefabricada, tem 70 anos e sobrevive”, aponta o curador.

Reproduzindo o sistema classista da época, na sala de aula as actividades eram divididas de acordo com o género. Os rapazes dedicavam-se à agricultura e as raparigas às então chamadas ciências domésticas. Joaquim Moreno assinala mutações nesse domínio. “Hoje os rapazes trabalham com têxteis e a agricultura deu lugar a aulas de

nutrição.” Nem por acaso, o modelo seguinte focado na exposição lida precisamente com o tema da alimentação: falamos do corpo, através da escola secundária agrícola François Pétrarque, construída por Roland Bechmann em Avignon.

“Tem à sua volta hectares de produção e no seu interior um ginásio, uma biblioteca, um dormitório, um campo de jogos. Mas é, sobretudo, um laboratório ecológico que persiste. Encontra-se aberta à comunidade e a comunidade nutre-se daquilo que a escola produz”, nota o curador. Aqui a mesa de uma sala de aula pode ser um viveiro de uma estufa, como nos deixa ver um dos objectos trazidos de Avignon.

No exemplo que se segue, um espaço poligonal, joga-se outra questão: a da representação da adolescência enquanto corpo político. Vemos uma sala de aula que pode ser usada como uma assembleia. Pertence à Escola Secundária Scholl, em Lünen, na Alemanha, concluída em 1962 pelo arquitecto Hans Scharoun. “É uma sala sem palco e sem plateia, tudo converge para o centro. É de facto uma assembleia.” Dela Joaquim Moreno trouxe emprestadas cadeiras, com a condição de serem usadas. “Afinal”, diz-nos, “a educação só tem sentido se for usada”.

Ou, acrescentamos, se for transgredida. É nesse plano que surge o Conservatório Calouste Gulbenkian de Aveiro, construído com base na tese de Maria Noémia Coutinho. “Neste projecto transgridem-se duas coisas: os limites das disciplinas artísticas e os limites da centralidade [no país]. É uma escola que começa no auditório, que, por sua vez, é acessível a partir do exterior, enquanto a reunião das artes se faz à volta do grande claustro. É um exemplo maravilhoso da experiência da liberdade e da felicidade numa sala de aula e tem sido muito importante para muita gente que cresceu em Aveiro”, aponta o curador.

E chegamos à escola que encerra a exposição. Trata-se da escola profissional Jean Mermoz, de Béziers, França, concebida nos anos 1950 por Pierre Jeanneret, com Jean Prové e Charlotte Perriand. “É um projecto fantástico, integrador, numa comunidade empobrecida, que conta com uma provedora, uma figura assistencialista que tem uma responsabilidade parental. Mas no qual encontramos já uma sensibilidade à era digital e pós-industrial”, considera Joaquim Moreno. “Porque o trabalho muda mais depressa do que o ensino. Temos de prestar atenção a isso, há transformações tangíveis. Mas a sala de aula vai sobreviver, porque há muito que transgrediu a escola.”